

# Travessias marítimas, diálogos de dor antiga: Uma proposta de leitura do conto “Meu mar (fé)”, de Itamar Vieira Júnior

Pedro Dorneles da Silva Filho (UFF)\*

<https://orcid.org/0000-0003-0989-9393>

## Resumo:

O presente artigo ensaia um gesto de leitura do conto “Meu mar (fé)”, presente no livro *Doramar ou a Odisseia* (2021), do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, um dos expoentes da ficção brasileira contemporânea, autor do premiado romance *Torto arado* (2019). Oitava das doze histórias que compõem o livro, o conto em análise é orbitado por questões ainda muito latentes na agenda geopolítica, histórica e social contemporânea: Imigração ilegal, identidades partidas, diferença étnico-social suplantada na realidade brasileira, enunciação do próprio sujeito subalternizado noticiando/denunciando os modos de existir à margem, experiência diaspórica e violência. Habilidoso nas construções descritivas em seus textos, o autor revela imagens de dor, angústia, esperança e resistência, por meio do relato-testemunho de uma narradora que, tal qual seu marido, são inominados na narrativa. O conto parece evocar elementos presentes em outras obras da confraria literária baiana, como por exemplo: *Navio negreiro* (1869), de Castro Alves; o mar em Jorge Amado, sobretudo o de *Mar morto* (1936) e *Luanda-Beira-Bahia* (1971), de Adonias Filho. Nessa profusão de possibilidades de diálogos, nossa leitura aqui procura destacar os rastros de intertextualidades presentes na produção de Itamar Vieira Júnior, e refletir sobre a força de atualização que a literatura brasileira possui.

**Palavras-chave:** Itamar Vieira Júnior; Literatura contemporânea; Baianidades; Intertextualidades

## Abstract:

**Maritime crossings, dialogues of ancient pain:  
A proposal for reading the short story “My sea  
(faith)”, by Itamar Vieira Júnior**

This article attempts a reading gesture of the short story “Meu mar (fé)”, present in the book *Doramar ou a Odisseia* (2021), by the Bahian writer Ita-

---

\* Doutorando (Literatura comparada) e Mestre (Literatura brasileira e Teoria literária) pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Especialista em Literatura, memória cultural e sociedade pelo Instituto Federal Fluminense e Graduado em Letras (Português/Literaturas) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé. Professor de Linguagens, Códigos e suas tecnologias da rede privada de ensino de Macaé-RJ e professor de Língua Portuguesa da rede municipal de Rio das Ostras-RJ. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6361152022078519>.

mar Vieira Júnior, one of the exponents of contemporary Brazilian fiction, author of the award-winning novel *Torto arado* (2019). Eighth of the twelve stories that make up the book, the story under analysis is orbited by questions that are still very latent in the contemporary geopolitical, historical and social agenda: illegal immigration, broken identities, ethnic-social difference supplanted in the Brazilian reality, enunciation of the subalternized subject reporting /denouncing ways of existing on the margins, diasporic experience and violence. Skilled in descriptive constructions in his texts, the author reveals images of pain, anguish, hope and resistance, through the testimony-report of a narrator who, like her husband, are unnamed in the narrative. The tale seems to evoke elements present in other works by the Bahian literary confraternity, such as: *Navio negreiro* (1869), by Castro Alves; the sea in Jorge Amado, above all in *Mar Morto* (1936) and *Luanda-Beira-Bahia* (1971), by Adonias Filho. In this profusion of possibilities for dialogue, our reading here seeks to highlight the traces of intertextualities present in the production of Itamar Vieira Júnior, and reflect on the force of updating that Brazilian literature has.

**Keywords:** Itamar Vieira Júnior; Contemporary literature; Bahianities; Intertextualities.

## A travessia

“Meu mar (fé)” trata-se de uma experiência narrativa enunciada pela voz de uma mulher que sai de Dakar-Senegal, com seu companheiro, de modo clandestino, escondida em um contêiner de uma embarcação para a Bahia-Brasil. O casal, com outros quatro imigrantes, deixa para trás seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida. Embora o desejo seja de um dia poder voltar para a terra natal, as personagens investem na tentativa de (sobre) viver do outro lado do Atlântico. A travessia é descrita dolorosamente pela narradora autodiegética, que rememora o trauma da experiência.

No contêiner, éramos seis pessoas, jovens, cinco homens e somente eu, mulher, que conhecemos o inferno da travessia (...) Era uma travessia dolorosa, carregada de angústias e temores. Deixávamos nosso país para trás, sem a esperança de voltar em breve. Deixávamos tudo com melancolia, sem sorrisos, sem conseguir dormir, sem banho, com dores pelo corpo, nascidas das ausências, o

silêncio muito incômodo que nos impúnhamos para não levantar suspeitas de que havia ilegais naquela embarcação de bandeira estrangeira (...) Nossa respiração estava carregada do ar que quase não se renovava em nossos pulmões, o cheiro do vômito, o cheiro da distância, carregada pela destino. (VIEIRA JR., 2021, p.99).

Pelo trecho, evidencia-se o quão dolorosa fora a travessia para esses indivíduos descritos, a própria posição que ocupam na embarcação, no lugar mais escondido possível, nos porões dos cargueiros, como fossem mercadoria, acabam por deflagrar a explícita desumanização a que foram submetidos, evocando a dor antiga do percurso dos antepassados sequestrados para se tornarem escravos nas Américas e atender o projeto colonial europeu.

Outra ocorrência que podemos sublinhar é o uso recorrente da preposição “sem”, presente no trecho supracitado, reiterando as ausências sofridas pelos migrantes ilegais

que encenam essa travessia. Estavam “sem a esperança de voltar em breve”, “sem sorrisos”, “sem conseguir dormir”, “sem banho”, elementos cruciais que conferem o mínimo de dignidade à existência humana. Elementos esses subtraídos dos sujeitos.

Em dado momento da viagem, os imigrantes são surpreendidos por tripulantes que acabam por descobri-los entocados e, assim, a violência ganha relevo. Depois de espancados os homens, e a mulher (a narradora) violentada sexualmente, são todos lançados ao mar. Ironicamente, o navio onde estavam tinha por nome “*Esperança*”, deixa de ser ventre que hospeda esses estrangeiros ilegais, para expeli-los no infinito das águas do mar.

E foi assim que eles encontraram os seis integrantes daquele navio de bandeira estrangeira, os seis ilegais. Promoveram as maiores humilhações, tocaram em meu queixo, tocaram em meu seio, me levaram para um lado de luz da embarcação enquanto batiam em você e nos outros homens. Eu também não escapei da violência, machucaram o meu supercílio, entraram em mim, contei, quatro homens cheios de ódio deitaram sobre mim, à deriva do navio que chamamos de *Esperança*, morderam minha pele suja e urinaram sobre meu corpo. Assim nos despedaçaram até nos lançarem ao mar. (VIEIRA JR, 2021, p.101).

O teor visceral da cena faz-se pulsante por ser reconstruída pela própria vítima, que em vez do silêncio, opta pelo acesso à memória traumática, para que esta não seja esquecida/apagada. Além disso, acaba evocando também as travessias dolorosas de outros tempos. Nesse sentido, tanto os africanos escravizados na diáspora forçada e desumanizadora do projeto colonial quanto os imigrantes no cenário contemporâneo, que tentam uma vida melhor em outra terra e, para isso, lançam-se clandestinamente ao

mar, são partilha-dores da experiência brutal de terem seus corpos marcados profundamente pela violência. São corpos “despedaçados e lançados ao mar”.

Itamar Vieira Júnior propõe-se reconstruir, por meio do exercício literário, os fios soltos do novelo da história das diásporas, que se reatualizam no presente, no contexto da imigração, mas que ressoam uma dor antiga do processo de escravização. Se a perplexidade do sujeito poético de Castro Alves em *Navio negreiro*, em um contexto escravocrata, olha para a cena cruel da travessia, denunciando-a, em tom hiperbólico, mas como um condor, que visiona tudo de longe; a narradora-personagem é a própria vítima do processo. Ela narra de dentro da experiência. Assim, de modo sensível e preciso, a voz enunciativa criada por Itamar corporifica o não silenciamento desse indivíduo que sobrevive ao horror da travessia.

A mulher e outros dois homens que partilhavam até ali aquela experiência, depois de serem lançados, à deriva, acabam por serem resgatados por uma embarcação menor. Seu companheiro, porém, tenta salvar um outro homem que afundava em meio às turvas águas e opta por manter-se escondido, com receio da súbita ajuda que chegava. Um grito no espaço é lançado pela mulher conclamando pelo companheiro. Grito em vão. Fora resgatada com os tais companheiros e levada para um abrigo, situado na cidade da Bahia.

Lá, conhece Dominique, uma haitiana, única personagem nomeada no conto e que acaba tornando-se sua provisória companheira, com quem inicialmente se comunica de modo parco, relata todo o episódio ocorrido e para quem diz estar esperando a chegada do marido que dela fora apartado.

Aflita, a narradora vai diariamente ao mar procurar um sinal daquele que ficara

nas águas. Tem esperança de reencontrá-lo e, com isso, espera poder recuperar a perspectiva de melhoria de vida, os projetos que propulsionaram encarar a travessia. Esperança indócil. A narradora, insistentemente, segue. Segue amargando uma esperança desalentadora. “Todos os dias eu volto à praia para tentar te encontrar (...) Olho para cada homem que aparece no cais (...) Eu te procuro em cada rosto (...) ainda há salvação para nosso futuro que quase atravessou o oceano que zomba de nós (...)” (VIEIRA JR, 2021, p.98).

A performatização enunciativa do texto indica a pessoa para quem a narradora endereça seu discurso. Ela fala a seu amado. Ela registra os acontecimentos, em tom confessional, desabafando, rompendo com o silêncio. O constructo textual verbalizado por essa mulher, em forma de diário ou epístola, suas angústias, seu percurso feito desde quando o mar a separou de seu amado, acaba por inscrever no tempo as suas experiências de recém-abrigada em terra estrangeira, como num gesto de tentar recolher os pedaços de sobrevivência que lhe restam.

Nós, leitores do conto, não o lemos, apenas espiamos a conversa-registro-epístola-diário da narradora, que tece a trama trágica de sua experiência, endereçando ao seu interlocutor de destino incógnito, os desatinos de viver a frustração sem um horizonte de perspectivas, solitária e em terra alheia.

A única amizade que tinha estabelecido foi com Dominique, ambas com dificuldades de se comunicar, mas ainda assim formaram uma parceria, naquela partilha angustiada de incertezas, naquelas adequações linguísticas para se fazer entender. Dominique por estar há mais tempo no abrigo, era mais inteirada das relações sociais no Brasil. As amigas começaram a ganhar doações e tentavam mercar esses utensílios no espaço da

rua. Dominique sempre apontava aspectos das dinâmicas da sociedade, as hierarquias, as operações das forças de poder e, assim, descortinava para sua nova amiga algumas visões prévias que se tem das relações sociais no Brasil.

Dominique me disse que não devo ter muita esperança nem contar com muita bondade por parte dos brasileiros. Falou que o preconceito contra nossa cor e nossa origem é muito forte por aqui (...) Dominique falou que mesmo os negros daqui sofrem discriminação. Ela me disse, enquanto andávamos pelas ruas até a calçada onde estendemos nossas mercadorias: “Olhe ao seu redor e veja onde estão os brancos e onde estão os pretos” (...) Aqui negro é um cidadão de segunda classe. Como nos Estados Unidos. Como na Europa. (...) Dominique falou que durante o tempo em que estava no abrigo, ouviu as vozes dos imigrantes narrando as experiências dos parentes que chegaram antes e mandavam notícias. Que aos poucos suas expectativas de uma vida melhor foram sendo apagadas pela constatação de que existiam diferenças profundas entre pobres e ricos, e os pobres e ricos, aqui, diferente do Haiti ou do Senegal, tinham cor. (VIEIRA JR, 2021, p.105)

No jogo da criação ficcional, pela boca da personagem haitiana, Itamar Vieira Júnior, com a senda da palavra literária nas mãos, toca nos mais diferentes e importantes aspectos da agenda geopolítica contemporânea, como por exemplo, a crise humanitária vigente no mundo, que empurra os indivíduos historicamente desfavorecidos para a condição de migrantes, ação tomada como estratégia de sobrevivência.

Além disso, apresenta-nos o olhar do estrangeiro à margem, seu ângulo de avaliação no que diz respeito aos problemas sociais brasileiros. A fala da personagem supracitada desvela um Brasil marcado pelo racismo e exclusão. A desigualdade social, conforme

a constatação da personagem, é atravessada pela questão étnica, tratando-se, pois, de desigualdade étnico-social. Georg Simmel, em *O estrangeiro* (1983), faz apontamento interessante:

A objetividade como uma marca do estrangeiro: (...) a pessoa fundamentalmente móvel entra ocasionalmente em contato com todos os elementos do grupo, mas não está organicamente ligada com qualquer um deles por laços estabelecidos de parentesco, localidade e ocupação. (...) O estrangeiro não é submetido a componentes nem a tendências peculiares do grupo e, em consequência disso, aproxima-se com a atitude específica de “objetividade”. Mas objetividade não envolve simplesmente passividade e afastamento; é uma estrutura particular composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento. (SIMMEL, 1983, p.184).

Sob esta perspectiva, podemos desenvolver a leitura da figuração de Dominique como essa voz que insurge para tecer de modo objetivo as avaliações acerca dos problemas experimentados em terra estrangeira. A personagem consegue dimensionar de modo mais crítico e imparcial que os estereótipos de cordialidade, bondade e acolhimento do povo brasileiro, na verdade são constructos de um imaginário, mas não traduzem a veracidade das dinâmicas sociais estabelecidas por aqui.

Nesse sentido, ao construir uma enunciação baseada nas vozes de mulheres negras e imigrantes (a narradora e Dominique), Itamar Vieira Júnior sublinha aspectos da identidade nacional sob a ótica dos sujeitos à margem. Com essa escolha, então, faz da criação literária um espaço de politização e criticidade. Portanto, na tessitura ficcional do conto, Dominique é uma personagem que representa as centenas de imigrantes negros que tentam se estabelecer dignamente no Brasil, mas deparam-se com

as barreiras sociais e históricas, edificadas pelas mãos perversas do racismo estrutural.

Determinado momento ocorre em que o companheiro de Dominique entra em contato com o abrigo e, assim, a amiga haitiana vai embora. Permanece a narradora à espera do retorno do companheiro também. Esse sujeito autodiegético, que sofre com trauma de uma travessia completada na dor, vai revelando sua angústia pela espera “daquele que ficou nas águas” e mais ainda, por descobrir-se grávida.

Esse fato começa a encaminhar o conto para uma dimensão mais subjetiva/existencialista. Reticentemente, a narradora sonha com o companheiro, acorda sobressaltada, chora de modo intenso, a solidão da mulher negra imigrante e em terra estrangeira, marcadores sociais que estampam a potência política do conto de Itamar, mas que também é atravessado pelas dimensões psicológicas e filosóficas.

Todas as noites tenho pesadelos com o mar. O sono e a angústia trazem os homens que entraram em mim. Mas você não aparece em minha noite: apenas os homens, a escuridão, a maresia, a violência, o silêncio (...) Você agita os braços como naqueles fins de tarde em Dakar. Seu sorriso contrasta com meus olhos marejados de lágrimas, porque eu mesma havia me tornado o oceano que nos separa (...) Choro desconsolada, insistindo que me abraça. Entre nós fica a barriga que carrega o filho, eu não quero falar nada, não sei se você se lembra que os homens me arrastaram naquele mausoléu à deriva para entrarem em mim (...) Percebo a fantasia de sua presença, aquele sonho claro no meio da noite, a sabotagem que minha espera precipitou. Choro muito e durante muito tempo. (...) Minha carne treme de choro convulsivo, talvez alguém acorde, mas pouco me importa, só essa dor irrompendo há muito tempo é suficiente para me manter ocupada, feroz e alerta. (VIEIRA JR., 2021, p.107-108).

No excerto acima, podemos notar explicitamente que o autor realiza a convocação de um campo lexical que demarca a presença do mar como fonte dúbia de esperança e dor: Se há esperança que seu companheiro volte pelo mar, é por esse mesmo espaço que se instaura a dor da dúvida de ele ter sido morto. “Pesadelos com o mar”, “apenas os homens, a escuridão, a maresia, a violência, o silêncio”, “Olhos marejados”, “eu mesma havia me tornado o oceano que nos separa”, todas essas imagens elencadas na sequência narrativa dimensionam como os corpos são marcados ou subtraídos por esse espaço líquido, veículo de grandes perspectivas e ao mesmo tempo devastador das humanidades.

Mediante às considerações pontuadas até aqui, fica visível que o antes, o durante e o após travessia, para a narradora, trata-se de uma experiência marcada pela apreensão. A esperança de uma vida melhor em terra alheia, mas também a insegurança de embarcar clandestinamente num contêiner, a violação de seu corpo ao ser descoberta, a ruptura brusca, incerta e angustiante com o companheiro de vida, as noites de pesadelo e aflição em terra estrangeira, sozinha, carregando no ventre um filho que é fruto do trauma, a busca insistente do improvável na beira do cais. Travessia: movimento que faz marcar o ser.

## O mar

A literatura brasileira soma um significativo histórico de produções que têm o mar como motivo temático da criação literária. A literatura baiana, sobretudo, destaca-se significativamente nesse grupo. Como vimos, o conto aqui analisado, de autoria baiana, performa a experiência diaspórica no espaço marítimo. A voz enunciativa é de uma narradora africana, imigrante, que conta sobre a sua experiência/relação com o mar.

A construção do conto, portanto, está assentada na perspectiva do sujeito que vem de fora do Brasil, em condições de subalternização, marcada pelo trauma da dor e violência. Além disso, esse mesmo sujeito que narra as experiências com o mar, ao estabelecer-se no Brasil, retorna diariamente à beira do cais da Bahia, à espera do improvável milagre do retorno do companheiro.

Ao realizarmos a leitura da bem tecida trama criada por Itamar Vieira Júnior, acionam-se em nossa memória algumas imagens e experiências semelhantes, já ficcionalizadas na literatura brasileira, sobretudo na literatura baiana. A fim de estabelecer um diálogo intertextual, trazemos aqui o romance de Jorge Amado, *Mar morto* (1936). Trata-se de um romance de alto teor poético, no qual se narram as histórias dos indivíduos do mar. Um narrador heterodiegético, logo na primeira página, avisa:

O povo de Iemanjá tem muito que contar. Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívia que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela, a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem. (AMADO, 2001, p.1).

A presença das narrativas orais e das canções sobre o mar é o que substancia o romance. Baseado nelas, o narrador tece a história do amor de Lívia e Guma, motivo-pano de fundo para se falar deste grande signo de representação: o mar. No texto de minha autoria “A polissemia do espaço marítimo em *Mar morto*, de Jorge Amado: vidas pretas em contínuo transcurso” (2021), presente no li-

vro *II Webnário estudos amadianos: 20 anos de permanência*, procurei desenvolver uma leitura das diferentes dimensões de significado da representação do mar nesse romance amadiano.

O mar, espaço líquido de plurais significados, esse elemento polissêmico, pode ser interpretado ao mesmo tempo como o ambiente, a personagem central e até mesmo como a linguagem da narrativa. O mar é motivo de poesia, espaço político e econômico, ameaça diária para aqueles que dele retiram seu sustento, mas também é venerado pelos que reatualizam o mito, em saudação à Iemanjá, como forma de resistência. Pensando nos diversos sentidos que configuram a representação desse espaço, deteremos nossas atenções em três miradas: a dimensão poética, a dimensão política e social e a dimensão religiosa. (FILHO, 2021, p.269).

Aponto o caráter polissêmico da representação do mar nessa narrativa, destacando três miradas: 1. A dimensão poética (a linguagem, a presença da canção e literatura oral), 2. A dimensão político-social (denúncia da vulnerabilidade e precariedade vivenciada pelas personagens que se lançam diariamente ao mar em busca de sustento, sem a garantia do retorno para casa e sem apoio do Estado), 3. A dimensão religiosa (da reatualização do mito através do rito, em saudação a Iemanjá, figura cosmogônica do panteão afrodiáspórico). Sob esse viés, podemos dizer que Jorge Amado ficcionaliza o espaço marinho de modo expansivo, traduzindo as mais diversas atribuições destinadas a ele. O mar como a própria linguagem, como espaço de travessias, como a figura feminina de um Orixá poderoso: Iemanjá; como espaço da manutenção da vida, de onde se retira o sustento, mas de onde vem a ameaça de morte, o mar que instaura a vulnerabilidade e a angústia, mas que reconecta a força ancestral dos ritos.

O conto de Itamar Vieira Júnior evoca de modo muito significativo o romance de Jorge Amado, afiançando-se a uma representação dialética do mar: pulsão de vida e pulsão de morte, espaço e personagem, expectativa e frustração, sustento e insegurança, poesia e horror, dimensão político-social e dimensão subjetiva-existencial.

Referindo-se ao duplo papel desempenhado pelo espaço marítimo durante o processo diaspórico dos indivíduos escravizados na lógica colonialista, Conceição Evaristo, em seu ensaio “África: âncora dos navios de nossa memória” (2012), reitera:

Atravessar tantas águas, para muitos dos africanos tornados escravos, causava-lhes a sensação de terem sido transformados em “mortos vivos”, pois haviam cruzado o mar, espaço guardador do espírito da morte. “Kalunga é mesmo a morte”, assevera a personagem do conto “A Náusea” de Agostinho Neto (1980). Kalunga, mar, mortalha envolvente daqueles que cruzam o espaço de tantas águas (...) Nesse mesmo barco gigante, onde muitos africanos (muitos e muitos) foram entregues ou tragados por Kalunga, outros, muitos e muitos também se salvaram. O mar, contudo, é também promessa. Ali se guarda a esperança, a possibilidade da volta. Enfrenta-se novamente a imensidão e os mistérios de Kalunga para reencontrar a Terra-mãe. Corpos jogados ao mar, corpos se jogam no mar, o mar guardando corpos. Mar, espaço de morte e de ressurreição. Hoje a travessia é feita pela memória. (EVARISTO, 2012, p.161-162).

É justamente esse movimento que se opera no relato-registro-carta-diário-confissão da narradora do conto de Itamar Vieira Júnior. Sua enunciação provém de uma relação ambígua com o mar: seu amor, sua revolta, sua esperança, sua tristeza. Como Lívia, que espera angustiada o retorno de Guma em dia de tempestade, a narradora é aquela que espera na beira do cais. Mar de

chegada. Além disso, assim como Lívia, tem o seu desfecho assumindo os itinerários da própria existência, mesmo diante da dor da perda, entra no mar para refazer a rota e dar continuidade à vida: maternais lideranças. Resistindo, essas mulheres aprendem/ensinam a re-existir. Conexões. A literatura diz por si:

#### Desfecho de *Mar Morto*

Lívia suspendeu as velas com suas mãos de mulher. (...) Ela vai ereta e pensa que na outra viagem trará seu filho, o destino dele é o mar. (...) E não é ela quem vai agora de pé no Pacote Voador? Não é ela? É ela, sim. É Iemanjá quem vai ali. O velho Francisco grita para os outros no cais: - Vejam! Vejam! É Janaína. Olharam e viram. Dona Dulce olhou também da janela da escola. Viu uma mulher forte que lutava. A luta era o seu milagre. Começava a se realizar. No cais os marítimos viam Iemanjá, a dos cinco nomes. (AMADO, 2001, p.256-257).

#### Desfecho de “Meu mar (fé)”

Caminho decidida em direção à praia, para o mesmo lugar em que desembarquei, onde você deveria ter aparecido faz muito tempo, e não posso mais esperar, preciso eu mesma fazer o trabalho de busca, qualquer dia eles negam mais uma vez a reconsideração de meu pedido de residência, então serei deportada de volta para Dakar, tão lenta, e de lá do outro lado não poderei esperar, porque é aqui que você tem de chegar, a praia do porto da Bahia era nosso destino quando partimos do outro lado da terra (...) com a força de muitos homens, deixando um rastro na areia, como as veias abertas que me incomodam desde que decidimos fazer a travessia; o barco encontra o mar e eu o levo com sua ajuda, mar, praia longe, o ventre me dói nessa hora, mas preciso voltar para encontrá-lo. Você está perdido lá, onde o deixamos, arrastado com o barco tudo que há dentro de mim. (...) Vou seguindo decidida por onde nossas vidas interromperam (...) Nosso filho nasceu e eu vejo nos olhos dele o reflexo dos seus.

(...) Vou apresentar nosso filho, mar, porque ele é seu filho também. (...) O mar me irrompeu como um grande fluxo e gerou você. Irrompeu ora sereno, ora violento. Ele me acompanhou em meu passado e me acordou por muitas manhãs na nova terra, que agora será sua terra, para me trazer a esperança da chegada, mar. (VIEIRA JR., 2021, p.109-111).

Os fragmentos supracitados, dispostos proposital e paralelamente, revelam a profunda sintonia entre as imagens e figuras que grassam em ambas as cenas. São duas mulheres que, mesmo diante do misterioso mar, aquele que levou consigo a vida de seus companheiros, entram nele, nesse espaço de líquidos caminhos, para ressignificarem a rota. Tanto Lívia quanto a narradora de “Meu mar (fé)” entram no mar em busca de seus amores, tentando tornar viável a presentificação do passado na figura dos companheiros desaparecidos/mortos. No entanto, acabam não por conformar-se com o destino impiedoso imposto pelas águas do mar, mas assumem e ressignificam suas vidas dentro dele, trazendo os filhos como resposta de resistência, potência que instaura a continuidade da vida.

Ademais, é pertinente destacarmos que tanto o enredo do romance de Amado quanto o conto de Itamar iniciam com a inquietação da espera dessas mulheres diante do mar. O mar de chegada que provoca angústias existenciais e insegurança. Ao final de ambas as narrativas, porém, o mar passa a ser o espaço que elas dominam, transitando, assumindo papel de liderança. São mulheres, mães, amantes e líderes. Potências femininas que, ao entrarem no mar, desafiam Kalunga/ a morte, inscrevendo a vida.

É possível também lembrarmos do romance *Luanda Beira Bahia* (1971), de Adonias Filho, que assim como no conto de Itamar Vieira Júnior, revela a presença dos



constantes deslocamentos, as histórias de travessias permeadas pelo vislumbre de possibilidades de melhoria de vida, desejo de reencontros e a frustração diante de suas impossibilidades e da morte implacável. O próprio título do romance já entrega a experiência dos tráfegos constantes pelos líquidos caminhos.

A história acontece de cais em cais, na zona portuária de Luanda (Angola), Beira (Moçambique) e Bahia (Brasil). Circunscrito por questões identitárias, históricas, afetivas e políticas, o romance do também escritor baiano, Adonias Filho, é armado a partir de uma teia relacional entre personagens que figuram a partilha de histórias semelhantes/correspondentes, em diferentes contextos. Um mar como ventre de travessias, mão de fazer levar, fazer trazer, fazer sumir. Enredo feito de histórias que se cruzam, com as dores da ruptura e da saudade. Partilhar a língua, o mar e a dor, talvez seja a síntese ligeira e sincera que podemos ofertar acerca desse clássico da literatura baiana que, em medida significativa, é evocado nas linhas da produção literária contemporânea no conto de Itamar Vieira Júnior.

As figurações do conto aqui em análise também evocam outras experiências ficcionais da literatura brasileira, como a da personagem do conto “As águas do mundo”, de Clarice Lispector, em que se relata a cena de uma mulher que entra no mar às seis horas da manhã, sozinha, e regressa fertilizada das águas. Sem saber, a mulher “está cumprindo uma coragem.” (LISPECTOR, 1998, p. 145).

A narrativa assenta-se em uma experiência altamente sinestésica e vai tecendo uma diferença e uma aproximação quase que magnética entre o mar e a mulher; ele “o mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos.” (LISPEC-

TOR, 1998, p.144). Esse fato aproxima-os. Todavia,

Ela está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização. Nessa hora ela se conhece menos ainda que conhece o mar. Sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir. É fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem. (LISPECTOR, 1998, p.145).

O excerto acima revela nítido teor reflexivo-existencialista na construção da imagem da mulher e de seu comportamento diante do mar. Entrar no mar, sob essa perspectiva, não é um mero ritual gratuito, fica sugerido, portanto, que essa ação apresenta outras camadas de significado. É como tentar descobrir-se no outro, testar os limites não somente do corpo, mas acessar a própria noção de ser e estar no mundo. É “cometer uma coragem”. Trata-se de um gesto revestido de uma significação psicológica.

De modo semelhante, a narradora do conto de Itamar Vieira Júnior tenta indicar que, para além dos marcadores sociais, possui sua existencialidade/subjetividade profundamente afetada pela experiência com o mar, esse, então, acaba sendo personificado em seu relato. Com ele, a mulher dialoga. Encara-o. Diz ser ele o pai de seu filho. É agora íntima no ritual de voltar-se a ele.

(...) o mar é masculino. O mar é seu pai, digo ao meu filho. E não faço muito esforço para que ouça as ondas que quebram aos nossos pés (...) Ajoelho na areia, espero uma onda chegar quieta como uma manta que recobre nossos corpos, pego um pouco d’água, molho a moleira dele, vejo pequenos cristais de sal brilhando em sua frente. (VIERIA JR., 2021, p.111).

Assim como a narradora do conto de Itamar, após entrar no mar, a personagem do conto de Clarice Lispector sente-se fertilizada e torna-se simbolicamente íntima desse espaço-sujeito.

Com a concha das mãos cheia de água, bebe em goles grandes, bons. E era isso que estava lhe faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem. Agora ela está toda igual a si mesma (...) Mergulha de novo, de novo bebe mais água, agora sem sofreguidão pois não precisa mais (...) Depois caminha dentro da água de volta à praia. (...) Às vezes o mar lhe opõe resistência, puxando-a com força para trás, mas então a proa da mulher avança (...) E agora pisa na areia. Sabe que está brilhando de água e sol. (...) E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos são de um naufrago. Porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano. (LISPECTOR, 1998, p.146).

Ambos os desfechos remontam a experiência feminina de voltar-se para o mar. O banhar-se em suas águas é movimento de prazer, autodescoberta e ressignificação. É deixar um pouco de si e levar um tanto de mar consigo. É (re) encontrar (se) no mistério. Novamente o mar figura sob uma perspectiva dialética. Porém, na dimensão psicológica-filosófica-existencial: mar mistério e limpidez; puxar e expelir; matar e fertilizar; ocultar e revelar. Dilemas do mar, dilemas do existir.

### Ancorando a pequena cabotagem

Esse gesto ensaístico de leitura é mais um exercício que uma definição. É um modo de acessar a obra de um nome que chegou para ficar na literatura brasileira: Itamar Vieira Júnior. Essa leitura é embarcação modesta nessas águas, a fim de realizar pescas de interpretação. Aqui procuramos identificar elementos de natureza social e subjetiva;

ou seja, perceber questões do ser humano e do mundo contemporâneo, a partir de um conto que se configura como trama potencialmente circunscrita por tantas questões caras no mundo atual. Além disso, podemos observar, por meio dos rastros enunciativos angustiosos dessa narradora-personagem de “Meu mar (fé)”, a presença de vozes reverberadas de outras narrativas literárias. Sendo assim, fica aqui esse texto-embarcação, em sua ancoragem provisória, disposto a promover/incitar outras cabotagens.

### Referências

- AMADO, Jorge. **Mar morto**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- EVARISTO, Conceição. **África: âncora dos navios de nossa memória**. Rev. Via Atlântica, São Paulo, n. 22, p.159-166, Dez/2012.
- FILHO, Adonias. **Luanda Beira Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1971.
- FILHO, Pedro Dorneles da Silva. A polissemia do espaço marítimo em *Mar morto*, de Jorge Amado: Vidas pretas em contínuo transcurso. In: LEITE, Gildecil de Oliveira; SARAIVA, Filismina Fernandes; PRADO, Thiago Martins Caldas (org.). **II Webnário Estudos amadianos: 20 anos de permanência**. Salvador-BA: Quarteto Editora, 2021.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SIMMEL, Georg. **O estrangeiro**. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- VIEIRA JR., Itamar. **Doramar ou a Odisseia: Histórias**. São Paulo: Todavia, 2021.

Recebido em: 15/04/2020

Aprovado em: 10/06/2020



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.